

JOOP VAN WIJK-VOSKUIJL
& JEROEN DE BRUYN

O ÚLTIMO SEGREDO DE ANNE FRANK

Tradução
MARIA FERRO

A história inédita sobre Anne Frank, a sua protetora
silenciosa e uma traição familiar

 Planeta

Para os (bis)netos de Bep Voskuijl Robin, Elly,
Jochem, Hester, Casper, Rebecca, Kay-Lee e
Ryan: as novas gerações, os herdeiros desta
história

Índice

Prólogo: Uma carta da Bélgica	11
PARTE I: ANNE	
1. A estante desliza e abre-se	21
2. As estrelas amarelas	35
3. Sigilo total	45
4. Bocas para alimentar	55
5. Ocultação	65
6. A festa de pijama	73
7. Um pequeno ato irrefletido	85
8. Febre de invasão	95
9. Estava tudo perdido	105
PARTE II: NELLY	
10. A voz de uma mulher jovem	117
11. Rato cinzento	131
12. Exílio e regresso	139
PARTE III: BEP	
13. Sobras	153
14. Tio Otto	167
15. Negação	187

16. Uma rapariga chamada Sonja	197
17. A doce paz	213
18. O caderno em branco	225
Epílogo: As coisas que deixamos para trás	233
Uma nota sobre as fontes	241
Notas	243
Índice remissivo	265
Agradecimentos	275

Prólogo

Uma carta da Bélgica

Este projeto não começou por ser uma investigação sobre os cantos mais recônditos do Anexo Secreto. Começou com uma carta que me foi enviada em 2009 por um rapaz de 15 anos, de Antuérpia, chamado Jeroen De Bruyn. Tal como milhões de outras crianças, Jeroen tinha sido tocado pelo diário de Anne Frank, que a mãe lhe lera pela primeira vez quando ele tinha apenas 6 anos.

Sem sombra de dúvida, Jeroen sempre fora uma criança curiosa e invulgarmente madura. Assim que conseguiu compreender que, em tempos, o mundo tinha estado em guerra, pediu à mãe mais pormenores. Ela contou-lhe as histórias que tinha ouvido ao crescer – sobre vizinhos obrigados a usar estrelas amarelas e foguetes V2 a explodir nas ruas de Antuérpia. A pergunta que se seguiu foi aquela que as crianças costumam fazer, mas de que os adultos se esquecem frequentemente: *Porquê?*

A mãe não tinha uma resposta concreta para lhe dar, por isso, recorreu a um dos documentos mais famosos da altura, *Het Achterhuis* (O Anexo), conhecido em inglês como *The Diary of a Young Girl* [O Diário de Anne Frank]. Pode haver quem pense que Jeroen podia ser demasiado jovem para ficar exposto a um texto tão difícil, mas creio que temos tendência a subestimar aquilo que as crianças são capazes de compreender ou expressar – como o diário de Anne demonstra de forma tão pungente. Além disso, a mãe de Jeroen não lhe leu o diário

todo, apenas excertos, evitando cuidadosamente as passagens mais perturbadoras.

Jeroen ficou fascinado. Passou horas a olhar fixamente para as fotografias a preto e branco da estante que deslizava e do minúsculo e apertado Anexo Secreto. Ele não conseguia compreender por que razão famílias inteiras, até crianças pequenas, tinham tido de se esconder como ratos para não serem mortas. Começou a fazer mais perguntas à mãe sobre a guerra e, com o tempo, ela foi arranjanado outros livros infantis sobre o assunto. À medida que Jeroen foi crescendo, começou ele próprio a requisitar livros sobre o Holocausto na biblioteca. Os seus pais achavam que o seu interesse crescente era um pouco estranho, mas eram europeus liberais e de mente aberta, mais dispostos a explicar a dura realidade do mundo do que a escondê-la.

Com o tempo, os livros infantis e os filmes de animação foram substituídos por histórias densas e documentários com imagens cheias de grão. As histórias e as imagens tornaram-se mais explícitas, mais terríveis. Aos 12 anos, Jeroen já tinha visto todos os filmes disponíveis sobre o Holocausto – o documentário de nove horas de Claude Lanzmann *Shoah* impressionou-o muitíssimo – e tinha lido todos os livros que encontrou sobre Anne Frank. Quanto mais Jeroen sabia, menos compreendia. Como é que aquilo podia ter acontecido nas mesmas ruas tranquilas e arborizadas que ele percorria todos os dias? Como é que a sua avó, a mesma senhora que lhe enviava SMS tontos, podia ter visto tudo aquilo com os seus próprios olhos? Vizinhos arrebanhados. Suásticas nas ruas. A cidade em chamas.

A avó de Jeroen também se chamava Anne. Nasceu no mesmo ano que Anne Frank – 1929 – e, durante a Segunda Guerra Mundial, viveu durante algum tempo com os seus avós, a cerca de 800 metros do apartamento da família Frank na zona sul de Amesterdão. Nos primeiros tempos da Ocupação, apaixonou-se por um rapaz judeu chamado Louis. Embora ele tenha conseguido escapar ao controlo nazi escondendo-se no campo, a maior parte da sua família foi assassinada no campo de extermínio de Sobibor, no leste da Polónia, onde, em aproximadamente cinco meses, entre março e julho de 1943, uns impressionantes trinta

e quatro mil judeus neerlandeses foram mortos. Terá sido essa avó, Anne – da mesma idade, da mesma cidade, com o mesmo nome – a despertar em Jeroen a obsessão por Anne Frank? Porque foi nisso que se tornou: uma obsessão, uma necessidade de saber tudo o que tinha acontecido dentro do Anexo Secreto.

Jeroen imprimiu centenas de artigos, fez livros de recortes, passava as férias da escola em Amsterdão, na Casa Anne Frank. Comprou uma edição académica do diário e analisou as notas de rodapé. O professor dele considerava que a sua «pesquisa», o crescente conjunto de ficheiros que tinha criado sobre todos os aspetos relativos ao caso, era apenas um passatempo inconsequente de um jovem com demasiado tempo livre; não iria levar a lado nenhum. Contudo, já na adolescência, Jeroen era empreendedor e conseguia ler nas entrelinhas. Estava interessado não só no que se sabia sobre o caso, mas também no que ainda estava por se saber ou fora mal compreendido. Começou a concentrar-se nas pessoas que tinham guardado o Anexo Secreto, aquelas que tinham arriscado as suas vidas para manter Anne e a família a salvo durante 761 dias – até que, pouco tempo antes da Libertação, todos foram misteriosamente traídos.

Das suas leituras, Jeroen percebeu que três dos «ajudantes», como são conhecidos em neerlandês, já tinham sido estudados exaustivamente: tinham dado inúmeras entrevistas, escrito as suas próprias memórias, ou tinham sido objeto de livros e documentários. No entanto, havia outra ajudante, que por acaso era a mais nova, sobre a qual pouco ou nada se sabia. A explicação habitual para a escassez de informação sobre esta ajudante era que ela era tímida e recatada por natureza e tinha desempenhado um papel de pouca importância no drama do Anexo Secreto. Mas Jeroen percebeu, com base nas provas, que nada disso era verdade.

Na verdade, começava a suspeitar de que a ajudante mais jovem poderia ter sido a mais importante para Anne. Era a sua melhor amiga e confidente mais próxima. Face a um grande perigo, tinha agido de forma heroica. No entanto, após a guerra, por algum motivo que Jeroen não conseguia perceber, ela tinha passado toda a sua vida a esconder-se do que tinha feito.

Essa pessoa era a minha mãe, Bep Voskuil.

Desde o momento em que, a 4 de agosto de 1944, o Anexo Secreto foi invadido pela Gestapo até à sua morte a 6 de maio de 1983, a minha mãe evitou ativamente o tema da Anne Frank. Recusou o reconhecimento público pelo seu envolvimento no caso e absteve-se de falar sobre o papel que tinha desempenhado com a sua família mais próxima, embora, em privado, lamentasse a perda da sua jovem amiga e, acabasse por chamar à sua única filha, Anne, em memória da amiga. A razão da sua postura evasiva não tinha nada a ver com a natureza despretensiosa de Bep, como se pensara anteriormente. Pelo contrário, Bep ficara traumatizada com o que tinha vivido, e evitou a exposição pública porque tinha segredos que queria proteger, segredos que tencionava levar consigo para a sepultura.

Jeroen sabia que tinha uma história. O único problema: tinha apenas 14 anos. Não conseguiria ir muito longe na biografia sem a participação da família sobrevivente de Bep, as pessoas que a conheceram e tinham acesso a quaisquer documentos que ela tivesse deixado. No entanto, temia, com razão, que o ignorássemos por causa da sua idade e inexperiência.

Em 2008, Jeroen fez 15 anos, a mesma idade que Anne tinha quando morreu de tifo no campo de concentração de Bergen-Belsen. Pouco depois do seu aniversário, decidiu finalmente abordar a minha família. Como não encontrou forma de nos contactar diretamente, escreveu a Miep Gies, então a única ajudante do Anexo Secreto que ainda estava viva. Paul, o filho dela, deu seguimento ao pedido do rapaz e enviou-o a dois dos meus irmãos. Eles disseram que não estavam interessados em falar sobre a nossa mãe e que, de qualquer modo, tinham pouco a partilhar sobre ela. No seu pedido, Jeroen não mencionou a sua idade nem o seu contexto, mas após a primeira tentativa falhada, decidiu escrever-nos uma carta mais longa, do fundo do coração.

Em cinco páginas, descreveu as suas intenções, os documentos que tinha encontrado e os novos factos que tinha reunido, e depois pedia autorização para nos entrevistar. Ainda não conseguia revelar a sua idade verdadeira, pelo que somou-lhe alguns meses e fez-se passar por

16 anos. Depois, enviou a carta para a Casa Anne Frank em Amesterdão, que a reencaminhou para mim.

*

«Sou um rapaz de 16 anos de Antuérpia», assim começava a carta de Jeroen. «Há imenso tempo que estou muito interessado na história de Anne Frank.» Jeroen falava do seu fascínio pelo Anexo Secreto, explicando que, gradualmente, o foco da sua atenção tinha passado de Anne para os ajudantes e depois para a minha mãe. Estava surpreso por «se saber tão pouco» sobre ela. Disse que tinha «criado um ficheiro» no qual estava a tentar «juntar as peças do *puzzle*». Cada facto novo que descobria numa poeirenta bobine aberta ou num arquivo de jornal fazia-o sentir-se «eufórico». Ele sentia que Anne tinha visto na minha mãe uma espécie de reflexo, uma jovem guardiã do outro lado da estante, que tinha sido uma amiga íntima, que também se tinha apaixonado durante a guerra, que tinha tido as suas próprias desavenças com os pais e com os irmãos, que tinha vivido a Ocupação com medo de ser descoberta. Bep ainda era apenas um contorno pouco definido, mas «pouco a pouco», dizia ele, «estou a conhecê-la melhor».

Sentia-me cético em relação à juventude de Jeroen, mas fiquei imediatamente impressionado com o seu sincero desejo de compreender a minha mãe. De certa forma, eu tinha passado toda a minha vida a querer a mesma coisa. Até receber aquela carta, nunca ninguém me tinha perguntado sobre o papel da minha mãe na história de Anne Frank. O mundo exterior não tinha conhecimento do seu passado, e, dentro da família, seguíamos uma regra tácita de nunca falar sobre o que tinha acontecido durante a guerra.

No entanto, ao longo dos anos, a minha mãe contou-me algumas coisas que nunca partilhara com os outros, nem mesmo com o meu pai ou os meus irmãos. Durante algum tempo fui para a minha mãe um pouco como o que ela tinha sido para Anne: um confidente e um protetor. Mas as reviravoltas da vida complicaram a nossa relação; por mais próximo que eu tenha ficado dela, nunca compreendi, exatamente, por que razão a sua experiência a torturava e a assombrava como o fazia.

Respondi à carta de Jeroen e disse-lhe que nos devíamos encontrar e que teria todo o gosto em visitá-lo em Antuérpia, para saber o que tinha descoberto e discutir o projeto que ele propunha. Empreendi a viagem com a minha mulher, Ingrid, saindo da nossa casa na região oriental dos Países Baixos. Jeroen pareceu-me sincero, simpático e extremamente focado. Tinha a mesa da cozinha dos pais coberta de livros, todos fartamente anotados com *post-its* amarelos, e delineara um plano pormenorizado para a nossa conversa. Tinha acabado de encontrar uma gravação rara de uma entrevista que Bep tinha dado numa visita ao Canadá no final dos anos 1970. Ele pôs a cassete a tocar, e foi a primeira vez que ouvi a voz da minha mãe passadas mais de três décadas.

Não pude deixar de sentir que aquele encontro com Jeroen estava quase predestinado. Há anos que carregava os segredos da minha mãe, e só então percebi que estava à espera de uma oportunidade para os partilhar, para lhes dar sentido, ou – como Jeroen disse – para juntar as peças do *puzzle*. Não sabíamos naquele dia que o processo nos levaria mais de uma década. Continuo sem saber bem por que motivo confiei àquele adolescente os segredos da minha família ou porque lhe contei coisas que estavam enterradas há muito tempo. Talvez houvesse algo na sua juventude que me fez baixar a guarda.

Em todo o caso, disse-lhe que o ajudaria no que pudesse. Não esperava que os meus outros familiares seguissem o meu exemplo, mas, quando os contactei, nenhum se opôs à minha participação. Claro que não podiam imaginar, então, que as provas nos levariam a algumas conclusões incómodas, não podiam antever o rasto de traição que iríamos descobrir. Ao contrário das ilusões com que tínhamos crescido, os Voskuijls não eram assim tão diferentes das outras famílias do tempo da guerra em Amesterdão, em que membros da resistência e colaboradores habitavam, frequentemente, debaixo do mesmo teto.

No início, não pretendia ser o coautor com Jeroen, mas simplesmente o seu guia: para partilhar o que eu sabia e abrir-lhe as portas que pudesse. No entanto, tornou-se claro à medida que a história mudava, se expandia e se tornava cada vez mais pessoal que Jeroen não conseguiria escrevê-la sozinho. Apesar das nossas diferenças de idade e de origens,

decidimos tornar-nos parceiros no projeto. Por uma questão de clareza, e para melhor transmitir em primeira mão a minha experiência de crescer à sombra do Anexo Secreto, escreveríamos o livro com a minha voz. Mas a história é tanto de Jeroen como minha. Tendo visto como ele cresceu e se transformou de um adolescente precoce num jornalista de sucesso, olho para trás, para o nosso trabalho em conjunto, e sinto-me um pouco como um pai orgulhoso. E isto é, em última análise, a essência do nosso livro: embora falemos de guerra e do Holocausto, do colaboracionismo e da traição, não há outra forma de descrever este livro senão como sendo uma história de família. E como a minha mãe bem sabia, existem dois tipos de laços familiares: um forjado pelo nascimento, o outro, pelas circunstâncias.

*Joop van Wijk-Voskuil
Heemstede, Países Baixos
Março de 2023*